

## Curiosidades numéricas:

## O número 7 na religião e no desporto



RICARDO CUNHA TEIXEIRA  
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE  
DOS AÇORES, RTEIXEIRA@UAC.PT

O número 7 é, sem dúvida, um dos números mais admirados de todos os tempos. Hipócrates, que viveu na Antiga Grécia e é considerado o “pai da medicina”, defendeu a grande influência deste número sobre todos os seres, por ser o promotor da vida e a fonte de todas as mudanças, referindo-se ao facto de a Lua mudar de fase, aproximadamente, de sete em sete dias. O curioso é que este fenómeno está na origem das nossas semanas de sete dias. Pensa-se que os babilónios foram os primeiros a agrupar os dias em conjuntos de sete. Nessa altura, acreditava-se que cada dia da semana era regido por um astro diferente: o Sol, a Lua e os cinco planetas que se podiam avistar a olho nu (Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno). Mais tarde, esta prática de organização dos dias acabou por ser adotada pelos romanos e por outros povos europeus por eles influenciados.

O número 7 também é referido com frequência na Bíblia, desde logo se pensarmos nos sete dias da criação. No capítulo 2 do Génesis, versículo 3, salienta-se mesmo que “Deus abençoou o sétimo dia e fez dele um dia sagrado, pois foi o dia em que descansou de toda a obra da criação”. Ainda no Antigo Testamento, no capítulo 6 do livro de Josué, versículo 4, Deus dá instruções a Josué para a tomada de Jericó: ao sétimo dia, sete sacerdotes devem levar sete trombetas de chifre de carneiro e, tocando nelas, dar sete voltas completas às muralhas da cidade, à frente da arca da aliança. A vontade divina e o poder mágico do número 7 acabam por surtir efeito e as muralhas desmoronam-se. Já no Novo Testamento, no capítulo 18 do Evangelho de S. Mateus, versículos 21-22, Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou-lhe: “Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?” Jesus respondeu: “Não te digo sete vezes, mas setenta vezes sete.” Também encontramos o 7 no Apocalipse de S. João. No capítulo 5, versículos 1-7, há um cordeiro com sete chifres e sete olhos, que recebe um livro lacrado com sete selos. No capítulo 8, versículos 1-2, quando o cordeiro quebra o último selo, aparecem sete anjos com sete trombetas que anunciam desastres terríveis, no meio de granizo, fogo e sangue.

Há outros aspetos curiosos a ter em conta como, por exemplo, as sete vacas do sonho do faraó (Génesis 41:1-2), os sete anos para os escravos hebreus adquirirem a liberdade (Êxodo 21:2), o sétimo ano, após seis anos de cultivo, em que se concedia descanso à terra (Levítico 25:4), as sete tranças de Sansão (Juizes 16:13), os “outros sete espíritos” que se juntam ao espírito impuro (Mateus 12:45) e os sete espíritos malignos de que Maria Madalena foi curada (Lucas, 8:2). Sete são os Dons do Espírito Santo, as Obras de Misericórdia Corporais, as Obras de Misericórdia Espirituais, os Sacramentos, os Pecados Capitais, as Virtudes e os pedidos expressos no Pai Nosso. Sete são os domingos da Quaresma, bem como as semanas que vão da Páscoa ao Pentecostes. O leitor recorda-se certamente de uma rima popular dedicada à contagem dos domingos



da Quaresma: “Ana, Magana, Rebeca, Susana, Lázaro e Ramos, na Páscoa estamos!” De notar que os cinco primeiros nomes dizem respeito a figuras bíblicas: Ana (Santa Ana, casada com São Joaquim, pais de Nossa Senhora); Magana (Maria Madalena ou Maria Magdala, pecadora que se converteu); Rebeca (esposa de Isaac, filho de Abraão); Susana (mulher injustamente acusada de adultério, salva pelo profeta Daniel); e Lázaro (São Lázaro, ressuscitado por Jesus três dias depois de morto).

Na cultura muçulmana, o 7 está associado ao poder do divino e tem um grande valor simbólico: sete são os céus e sete são os portões do inferno; os peregrinos devem completar sete voltas em torno de Caaba, o templo sagrado de Meca; e o capítulo de abertura do Alcorão consta de sete versos. De realçar igualmente um ritual de casamento no Paquistão, em que sete mulheres felizes nos seus casamentos devem tocar no vestido da noiva para garantir um casamento feliz.

Na tradição judaica, o 7 aparece associado ao conceito de Shamayim ou multiplicidade de céus. São sete os céus ou palácios que constituem a rota mística de ascensão da alma, todos eles regidos por anjos: o primeiro céu ou Shamayim faz fronteira com o nosso mundo e é o reino dos ventos e das nuvens; o segundo é Raquia, onde estão aprisionados os anjos caídos que pecaram contra o criador, aguardando julgamento final na escuridão completa; o terceiro é Sagun, onde está o inferno e o paraíso; o quarto é Machonon, onde está Jerusalém Celeste; o quinto é Mathey, mora-

da dos anjos vingadores; o sexto é Zebul, onde se guardam todos os infortúnios da humanidade; e o sétimo e último céu é Araboth, onde se encontra o trono de Deus.

Muitas pessoas consideram que o 7 é o seu número da sorte. Exemplo disso é o conhecido futebolista português Cristiano Ronaldo, que não abdicou de jogar com a camisola 7. Curiosamente, a primeira vez que lhe atribuíram uma camisola com este número não foi por opção própria. Aos 18 anos, Cristiano deixou o Sporting e tornou-se jogador do Manchester United. Nessa altura, perguntou ao treinador Alex Ferguson se estava disponível o número 28 que tinha no Sporting, ao que ele lhe respondeu: “Não, o teu número é o 7!” Ferguson, confiante nas qualidades do seu jogador, pensou na camisola 7 que já tinha sido envergada por grandes nomes do Manchester United, como George Best, Eric Cantona e David Beckham (Beckham havia saído rumo ao Real Madrid, deixando vaga a camisola 7). À imprensa portuguesa, Cristiano declarou: “Em Manchester, toda a gente me fala de Best e de Cantona. É um orgulho seguir os seus passos. Mas há uma coisa que desconheço. Para mim o 7 é especial porque é o número de Luís Figo, o que ele tinha no Sporting. Desde pequeno, eu queria ser como ele e vestir a camisola com o número 7.” Foi precisamente devido a Luís Figo, que usava o mesmo número na seleção portuguesa, que Cristiano Ronaldo envergou inicialmente a camisola 17 da nossa selecção (o leitor recorda-se certamente da sua participação no Euro 2004).

De igual forma, quando Cristiano se mudou para o Real Madrid em 2009, teve que usar a camisola 9, uma vez que o número 7 pertencia ao então capitão Raúl. Contudo, em ambos os casos, assim que surgiu uma oportunidade, o jogador madeirense não hesitou em mudar para a camisola número 7. Segundo Luca Caioli, autor da biografia de Cristiano Ronaldo de 2012, da Editorial Presença, Cristiano tem uma fixação pelo número 7 e pelas suas iniciais CR. Porém, o repórter desportivo acrescenta que a obsessão maior deste jogador, que engloba todas as outras (como o cuidado com a sua imagem e condição física), é de ser melhor do que ninguém e de alcançar a perfeição, “algo que não é deste mundo”!

CR7 conta já com a sua figura no Museu de Cera de Madrid, onde se encontram outras figuras de famosos. Com a camisola da Seleção Nacional, o “boneco” de cera reproduz a pose que o avançado do Real Madrid costuma assumir antes de marcar um livre ou uma grande penalidade, de pernas afastadas e olha fixo no horizonte. Mas não é apenas em Madrid que podemos encontrar réplicas em cera de Cristiano Ronaldo. Na foto, vemos CR7 ao lado da sua figura de cera no dia de inauguração do seu Museu, no Funchal, a 15 de dezembro de 2013.

Por influência positiva do número 7 ou não, certo é que Cristiano Ronaldo apresenta um leque glorioso de conquistas, não só dentro das quatro linhas, como também no mundo da publicidade e da moda, onde se inclui o recente lançamento da coleção de roupa interior CR7.